

# A indústria eletroeletrônica

**E**ntra ano, sai ano e a história se repete. Desde o início dos anos 90, as indústrias do setor eletroeletrônico do Brasil vêm perdendo competitividade no mercado internacional e, mais recentemente, também, no mercado nacional.

O déficit comercial de produtos do nosso setor evolui de forma preocupante. As exportações crescem lentamente e as importações num ritmo galopante. O resultado disso tem sido um déficit cada vez maior.

Para ilustrar o que estou afirmando, encerramos 2008 com um saldo negativo de US\$ 22 bilhões. Aliás, ele seria um pouco maior se o mundo não tivesse mergulhado na crise, em setembro do ano passado. Em 2001, o déficit era de US\$ 9 bilhões e, em 1996, US\$ 7 bilhões.



**Humberto Barbato, presidente da Abinee**

Neste tempo todo, a **Abinee** tem denunciado essa situação desastrosa, sustentada em grande parte pelo crescimento das importações de componentes eletrônicos, com destaque para os semicondutores.

Para evitar que este cenário se agrave ainda mais, também temos alertado repetidas vezes que a economia real do Brasil não pode ficar à mercê da especulação internacional, que utiliza o mercado de capitais do país na busca de lucro fácil, e face ao seu movimento errático, altera a taxa de câmbio de maneira insustentável para o setor industrial.

Além das denúncias, apresentamos aos governos propostas e mais propostas que visavam o fortalecimento das poucas indústrias de componentes que restaram no país e a atração de *players* mundiais, de forma a reduzir as despesas com a importação destes insumos, vitais para o setor eletroeletrônico.

Sucederam-se, nestes anos, vários estudos da **Abinee**, alguns até com participação direta de órgãos governamentais, que, por circunstâncias diversas, ressalvadas algumas ações esporádicas, não saíram do papel e da boa intenção.

Com isso, o setor foi perdendo competitividade. Ficou mais viável importar os insumos ou, em muitos casos, até o produto acabado.

A impressão que se tem hoje é que, em breve, todas as empresas irão para a China, e nós vamos ter que exportar cada vez mais *commodities* para fazer frente às nossas necessidades de produção de bens eletroeletrônicos.

A demanda por produtos de TIC, por exemplo, é cada vez maior no país, e temos que fazer alguma coisa já, pois, se não fizermos, a indústria instalada no Brasil vai se transformar em simples montadora, com baixíssimo valor

# ca que queremos em 2020

agregado, o que nos alijará, mais ainda da competição internacional.

Nos dias de hoje, qualquer equipamento, seja ele de que segmento for, tem um componente eletrônico, o que reforça a tese da nossa necessidade de uma indústria de "chip" no país.

Como industrial e representante da indústria elétrica e eletrônica instalada no Brasil, tenho convicção que, pela importância histórica do nosso setor, não podemos nos transformar em meros importadores de componentes semicondutores ou produtos acabados.

Devemos continuar trabalhando para sensibilizar os governantes da necessidade urgente de termos uma real e competente política de incentivos que atraia indústrias de semicondutores e componentes passivos para o país, de forma a desenvolvermos uma produção local competitiva e com valor agregado.

Impulsionados por esta premissa, e preocupados com o futuro da nossa indústria, que permeará, cada vez mais, o espectro industrial em todo o mundo, nos debruçamos nos últimos seis meses na elaboração de um estudo que nos permitirá projetar para daqui a dez anos a indústria que queremos para o nosso país.

Com o importante apoio da LCA Consultores, renomada por sua competência na análise da evolução da indústria brasileira e mundial, preparamos um amplo e profundo diagnóstico do nosso setor, suas limitações e barreiras, de forma a apresentar propostas claras e factíveis que nos permitam construir um ambiente de competitividade plena para nossas empresas em 2020.

Não nos interessou, no estudo, identificar que tecnologias predominarão daqui a uma década, mas sim o que precisamos fazer para que o país acompanhe e absorva a evolução

tecnológica com a velocidade que se necessita para que nossas indústrias permaneçam no país, produzindo, competindo e gerando empregos.

Hoje, a produção das indústrias elétricas e eletrônicas representa cerca 4,2% do PIB brasileiro, o que é muito pouco. Estamos projetando que, para 2020, nossa representatividade chegue a 7%.

Para que isso aconteça, muito tem que ser feito. Precisamos que os governantes assumam seu papel nesta cruzada contra o tempo, avaliando nosso estudo e aceitando nossas propostas para que tenhamos uma verdadeira e definitiva política industrial para o país.

Pensando nisso e buscando o comprometimento de todos os agentes, vamos entregar o estudo a diversas autoridades do governo, incluindo o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva.

No que depender da indústria, este não será mais um elenco de propostas para o desenvolvimento da nossa indústria, mas, sim, um estudo que avalia a situação de hoje no Brasil e em outros países, os componentes históricos nacionais e internacionais, e que propõe ações para a nossa evolução sustentável.

Esta é a nossa missão como entidade de classe: levar às autoridades as reivindicações, criando um ambiente positivo para que possamos voltar a ser um país interessante. Devemos colocar muito da nossa vocação, da nossa vontade de produzir para que este estudo tenha sucesso e contribua para fortalecer a indústria eletroeletrônica brasileira.

Queremos que, em 2020, nossa indústria esteja totalmente inserida no comércio mundial, importando o que tiver que importar e exportando de forma competitiva produtos com forte agregação nacional.